



GERAL

190-

TADEU VILANI - ESPECIAL/ZH



Atendimento: além do reforço na escola e na alimentação, os pequenos recebem lições de cidadania

Código de honra indígena guia trabalho com crianças

Projeto desenvolvido nas Missões baseia-se nas regras dos Tupiniquins

SILVANA WUTTKE

Casa Zero Hora/Missões

Tatiana da Silva, oito anos, aprendeu a não brigar. Aline Moreira, 14 anos, a respeitar as pessoas: Leonel Nascimento da Silva, 10 anos, a ser um bom amigo. Os três são integrantes do Projeto Tupiniquins, em Santo Ângelo, e têm um encontro marcado todas as sextas-feiras no quartel da Brigada Militar (BM). A iniciativa teve origem na amizade entre duas mulheres. Eni Prado, 62 anos, viúva aposentada, e Vera Theobald, 45 anos, tinham o hábito de levar aos mais necessitados aquilo que podiam, fosse comida, abrigo ou uma palavra de carinho.

Os encontros com as crianças aconteciam embaixo de árvores e eram impedidos somente pela chuva. O mau tempo deixou de ser um problema desde março, quando a Brigada Militar cedeu um espaço para a realização do projeto. Hoje, Eni e Vera são auxiliadas por estagiárias da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI).

— Não temos objetivo religioso ou político, mas apenas o bem-estar das crianças e seu desenvolvimento como seres humanos — explica Eni.

Além do apoio escolar, as crianças participam de jogos educativos, recebem lições de cidadania e higiene e têm uma refeição reforçada. Os recur-

sos vêm do bolso de Eni e Vera e de colaborações da comunidade. O uniforme, por exemplo, foi doado por quatro microempresas do município. O Tupiniquins precisa de ajuda financeira, mas não é essa a maior carência.

— Não é dinheiro nossa maior necessidade, mas consciência. Se cada um desse 1% do seu tempo em benefício de alguém, o mundo seria melhor — diz Eni.

A lenda dos Tupiniquins orienta o trabalho. Esses índios selvagens são guiados por um rígido código de honra, baseado na proteção aos animais. Acreditam que os seres que não praticam a Justiça reencarnam em animais considerados inferiores. O objetivo é virar gavião, símbolo da defesa e da conservação da raça, ou coruja, que significa atenção e serviço, por causa dos olhos. Nessa sociedade indígena, as mulheres possuem a primazia porque são as geradoras da vida. Assim, as meninas dos Tupiniquins são chamadas de corujas e os meninos de gaviões.

— No grupo, os meninos protegem e as meninas atendem, mas como são carentes de tudo, as crianças têm dificuldade em assimilar a importância de dar, e só querem receber. O começo da solidariedade é quando há divisão do material escolar. Não tenho tudo que quero, mas tudo o que preciso, e isso posso oferecer aos outros — completa Eni.

Os índios acreditavam que os seres que não praticavam a Justiça reencarnavam em animais inferiores